

IBGE mostra nível de instrução maior

Rio — A maior parte dos chefes de família brasileiros — 57,9% — superou, em 1996, o nível educacional de seus pais. O esforço foi realizado pelas famílias com menor grau de instrução. Os chefes de família cujos pais cursaram até a 3ª série do primeiro grau apresentaram a maior mobilidade social em termos educacionais: 68,4% conseguiram superar seus pais. Já no caso dos privilegiados, cujos pais já tinham curso superior, a tendência foi de mobilidade descendente: 55,2% ficaram imóveis e 44,8% não concluíram a faculdade.

Os dados fazem parte da pesquisa Mobilidade Social, suplemento da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD-96), divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Foram entrevistadas 331.263 chefes de família em todo o país, com exceção das áreas rurais de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá.

É a primeira vez que a pesquisa, que não era realizada pelo IBGE desde 1988, trabalha os dados de educação por nível de instrução e não por anos de estudo. Segundo a técnica do IBGE responsável pela pesquisa, Márcia Segadas Vianna, isso permite uma visão mais correta do nível educacional da população, mas impede a comparação com os dados de 1988. "Antes, víamos apenas se uma pessoa tinha muitos anos de estudo, mas isso podia ocorrer porque ela repetiu várias séries", explica.

Entre os chefes de família com pais analfabetos ou com primeira série incompleta, 60,1% melhora-

ram e 39,9% não avançaram com relação a seus pais. Entre as pessoas com pais analfabetos, 20,7% passaram a ser alfabetizadas. Os dados confirmam, segundo Segadas, a tendência de queda no analfabetismo do país.

MÉDIA

A chamada mobilidade ascendente é maior entre as pessoas cujos pais cursaram até a 3ª série do primeiro grau: 68,4%, contra apenas 11,8% que não conseguiram alcançar os pais e 19,8% que ficaram imobilizados (mesmo nível dos pais). O número é bem superior à média geral: 57,9% melhoraram de posição, 34,1% ficaram imóveis e apenas 8% não conseguiram manter, pelo menos, o nível educacional de seus pais.

Também subiram degraus na escala social, em termos de esni-

no, a maior parte dos chefes de famílias cujos pais possuíam o primeiro grau completo e o segundo grau incompleto: 56,5% deles conseguiu um nível de educação superior ao de seus pais. Mas neste caso, quase um terço — 29,1% — não conseguiram o mesmo nível de instrução dos pais.

Embora os dados de mobilidade educacional tenham sido mais elevados no Nordeste (23,2% dos chefes de família superaram seus pais) do que no Sul (17,6%), ainda é muito grande a distância entre as regiões. No Sul, 72,1% dos chefes de família que não mudaram de posição são alfabetizados. No Sudeste, eles são 69,1% e no Centro-Oeste, 61,9%. No Nordeste, entretanto, apenas 39,1% dos que se mantiveram imóveis na escala social (69,3% do total) são alfabetizados.